

Encontro de mulheres: a prostituta e a atriz

Women's encounter:
the prostitute and the actress

Encuentro de mujeres:
la prostituta y la actriz

Tânia da Costa

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20109>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025003

Encontro de mulheres: a prostituta e a atriz

Tânia da Costa

 <https://orcid.org/0009-0008-9534-1823>

> taniadacosta@hotmail.fr

Atriz e tradutora

École Nationale Supérieure des Arts et Techniques du Théâtre



Imagem 1a - Grisélidis Réal, Coleção particular. Fonte: Archives Littéraires Suisses, 2008.

Imagem 1b - Coraly Zahonero no espetáculo *Grisélidis Réal* encenado no Studio Théâtre de la Comédie Française em abril/maio de 2016. Fonte: Comédie Française, 2016.

Encontrei-me com Coraly Zahonero, atriz, sócia da Comédie Française, num dia chuvoso do outono de Paris. Coraly escreveu, dirigiu e interpretou em 2016 um espetáculo sobre a Grisélidis Réal. Por conta da chuva aconchegante, que não nos dava vontade de sair à rua, ficamos conversando por mais de duas horas em seu camarim de 20 metros quadrados, mobiliado com charme e provido de praticamente tudo: uma cama, dois sofás, mesa, penteadeira, e serviço de chá e café. Os atores da Comédie Française passam os dias em seus camarins trabalhando em seus personagens e descansando entre os ensaios. À noite interpretam em um dos três teatros da instituição, e o camarim de Coraly fica na sede principal, a Salle Richelieu, fundada em 1680 no coração do Palais-Royal, no 1º *arrondissement* de Paris. A longa conversa me vale agora um trabalho dobrado para ouvir e editar a entrevista em meio aos nossos também longos parênteses e digressões: somos amigas há mais de 30 anos, ela é madrinha de minha filha e eu madrinha da dela. Participei de perto do processo de criação do espetáculo sobre Grisélidis Réal, cujo cartaz podia observar acima de sua cabeça, na parede central do camarim. Coraly ali poderia ser mesmo confundida com Grisélidis, difícil saber num primeiro momento, tamanha a semelhança física e seu admirável trabalho de composição: os olhos negros delineados à *la Barbara*, seus cabelos longos, a franja, os brincos enormes.

Tânia da Costa (TC): Coraly vamos começar pelo começo: Quem é Grisélidis Réal?

Coraly Zahonero (CZ): Ela foi uma prostituta e ativista suíça, que lutou desde o final da década de 1970 para defender a prostituição e todos os seus princípios, além da defesa de seus clientes. Trata-se da ativista mais famosa da Europa. Na sua lápide em Genebra o epitáfio diz: “escritora, pintora, prostituta”. Foi uma mulher cujo destino levou à prostituição na década de 1960 e depois novamente no final da década de 1970. Pelo seu relato, ela foi uma criança ingênua e romântica. Teve quatro filhos de três pais diferentes e foi estigmatizada por ser mãe solteira. Se tornou líder da “Revolução das prostitutas” um movimento que vê seu início em junho de 1975, quando dezenas de prostitutas ocuparam a igreja de Saint-Nizier, em Lyon. Grisélidis vivia então em Paris, onde mais de 500 prostitutas ocuparam a capela de São Bernardo para exigir o reconhecimento dos seus direitos. A partir daí a vida dela toma um novo rumo, o de revolucionária. Nunca mais vai se esconder.

Nas palavras do jornalista e escritor Jean-Luc Henning:

Griselidis Réal está sepultada em Genebra, no Cemitério dos Reis, que lembra um pouco o Panteão local, entre Calvino e Borges, também não muito longe do ator François Simon, que ela tanto amava. Uma prostituta revolucionária num cemitério protestante de grande prestígio, nunca vimos isso em toda a história da humanidade, se excluirmos as prostitutas sagradas. Por que ela está lá? Porque ela lutou a vida toda pelo reconhecimento dessas mulheres (e desses meninos) que vagam pela noite em busca de homens incertos? E são tratados como cães? Não só isso. Acredito que Grisélidis, durante a revolta das prostitutas, em 1975, na igreja de Saint-Bernard em Paris, ligou o seu destino de prostituta às suas revoltas e aos seus desejos artísticos, ela escrevia (o que se chama escrever, e não testemunhar) prostituição em pedacinhos, em pedacinhos de glória e desespero, em pedacinhos de vida, como Albertine Sarrazin, que se parece tanto com ela (Henning, 2011).

TC: Talvez a pergunta tenha sido um pouco genérica e a resposta permitiu um resumo rápido de quem ela era. Vamos continuar falando dela de uma maneira mais implicada a você. Como você chegou a ela?

CZ: Ela me interessou imediatamente no momento em que fui surpreendida por uma postagem no Facebook que a citava. Era uma entrevista com ela, que me causou surpresa e interesse. Grisélidis Réal tinha 72 anos e já estava doente quando dera essa entrevista de uns 40 minutos; ela morreu de câncer poucos anos depois, aos 75. Ao ouvi-la tive a impressão de estar escutando uma palavra absolutamente extraordinária, tanto pelo conteúdo – muito preciso, muito inteligente e genuinamente humano – quanto pela forma. Ela possuía uma maneira muito particular de falar, de articular. Um carisma enorme. Nessa entrevista ela conta a sua história, um romance de aventura que imediatamente me deu vontade de levar aos palcos. Comprei todos os seus livros e ouvi todas as suas entrevistas.

Nesta ocasião, a França passava por um momento muito peculiar, estávamos às vésperas de eleger para presidente da República o candidato socialista, Dominique Strauss Kahn, quando ele foi preso em Nova York. Isso mobilizou todo o país. Rapidamente descobre-se

que ele era um doente sexual, sofria de compulsão e frequentava uma rede de prostituição. Foi preso por estuprar a camareira do hotel em que se hospedava. Ganhou da imprensa o apelido de predador. Como um homem que está prestes a ser o presidente de um dos países mais importantes da Europa estupra uma camareira de um hotel cedo de manhã, momentos antes de pegar o avião? Foi preso por ter esquecido o celular no hotel.

Nesse contexto, o que Grisélidis dizia reverberava na sociedade de maneira muito forte. Ela fala sobre os homens que foram seus clientes, e como ela teve acesso a uma “verdade humana”. Segundo ela, a sexualidade dos homens os revela, seria possível através do sexo ter acesso aos seus traumas, suas vidas, suas dúvidas. Conta que na última fase de sua vida, durante os últimos 20 anos de militância, fez da prostituição “uma Arte, uma Ciência e um Humanismo”, levantou essa bandeira. Conheceu a prostituição destrutiva, pavorosa, como meio de sobrevivência, para educar seus filhos, e fez disso uma obra. Viveu a segunda parte de sua vida na Suíça, um país que protege os direitos sociais da prostituta. Era inscrita, com carteira assinada, como trabalhadora do sexo, com proteção à saúde; podia receber em casa, num apartamento dedicado à sua profissão, com as condições de higiene necessárias, com a possibilidade de recusar o cliente. Ou seja, exercia sua profissão com total independência em uma situação de segurança. Dessa segurança nasce uma relação com o cliente que lhe permite compreender muitas coisas, ela se tornou um tipo de psicólogo que têm acesso a algo do foro íntimo, só que pelo viés da sexualidade.

Isso tudo revelou em mim algo muito íntimo que na época eu ignorava. Como muitas vezes quando fazemos teatro, o gesto artístico nasce sempre de uma questão, de algo que buscamos de maneira misteriosa, às vezes algo a resolver. Graças ao poeta, graças ao trabalho realizado, vamos compreendendo coisas sobre nós mesmos. Isso é um motor que faz com que algo aconteça e torne possível um encontro com o público, que pode por sua vez reconhecer-se nas suas escolhas. Algo que você libera de si mesmo ou talvez que você cure. Na época, tudo isso era pra mim muito misterioso. Como você sabe, eu saía de um divórcio no qual fui submetida a maus-tratos, com violências conjugais bem antes do *#MeToo*, por isso não verbalizava como verbalizo hoje. Mas o meu trabalho e a minha arte deram forma a algo que eu só compreendi verdadeiramente anos depois. Graças ao movimento *#MeToo* e à terapia. Pude compreender que o espetáculo Grisélidis tinha permitido que eu ultrapassasse meu próprio trauma. Porque, apesar de tudo, é a palavra de uma prostituta que foi traumatizada ela mesma pela vida, que se submeteu a coisas de outro mundo, com uma resiliência admirável.

E no segundo momento de sua vida a prática da prostituição a salvou. Ela foi uma mulher que tentou mais de 7 vezes se suicidar. Era muito infeliz, nenhum dos seus relacionamentos deram certo, teve quatro filhos sem ter desejado verdadeiramente nenhum, fez mais de 11 abortos além dos vários abortos espontâneos. Seu corpo é o corpo de uma guerreira, seu sexo, seu útero... não à toa morreu de um câncer do ventre, do peritônio, câncer que parte dos ovários na maior parte das vezes, o mesmo que matou sua mãe e do qual morreria mais tarde sua filha. Seu destino foi impressionante. Sofreu abusos que ficaram reprimidos, de todos os tipos, não só os sofridos durante o exercício de sua profissão, que foram horrorosos, mas

também ainda pequena, quando sua mãe examinava a pequena vagina dela e da sua irmã para ver se estava vermelha, para ver se elas se masturbavam. Uma mãe intrusiva desse jeito causa uma desordem psíquica enorme. Isso é um estupro, de fato.

Mas sua infância havia sido dourada, viviam no Egito, era uma família unida. Seu pai, homem brilhante, diretor de colégio, falava cinco línguas, vinha de um meio muito culto, adorado por ela, morreu brutalmente em alguns dias quando ela tinha apenas 9 anos. Sua mãe era uma burguesa que tinha uma galeria de arte. A morte do pai precipita a volta da família para Suíça, e a mãe, protestante, vai criar as três filhas sozinha. Grisélidis sempre descreveu sua mãe como sendo muito rígida. Levou uma boa surra quando foi descoberta brincando de médico com um garotinho aos sete anos. Assimilou isso a algo diabólico. Muitos fatos contribuíram para que se tornasse frígida, o que é lamentável quando vemos suas fotos nesta idade, aos 20 anos era uma artista, pintava, era linda. Romântica, não escapou ao esquema judeu-cristão e se casou com um homem com quem teve no ano seguinte o seu primeiro filho, Igor. O marido era alcoólatra, ela sofreu violências conjugais. Tentam fazer uma viagem de reconciliação, e ao retornarem separados a avó paterna decide ficar com a criança. Sai de casa sozinha, sem o seu bebê, em grande precariedade e em busca de um caminho para a sua vida.

Pousava para artistas na École des Beaux Arts, e de uma relação com um escultor nasce Leonor, filha ilegítima. Em uma ocasião, ao rever o ex-marido, fica grávida de Boris, um filho que o pai não aceita; e a manda embora com os dois filhos pequenos, desta vez divorciada. Ela se apaixonava com muita facilidade, sempre em busca do grande amor, do príncipe encantado, assim foi estruturada: a felicidade só será conquistada através de um homem, de um casamento com filhos. A vida vai lhe ensinando que as coisas não são bem assim, e ainda muito nova, com dois filhos pra criar, numa sociedade preconceituosa que não aceita mulheres sozinhas, em busca desse amor, nasce seu quarto filho, Aurélien, de um relacionamento com um ator de teatro. Esse último filho ela entrega para uma babá que paga todo mês.

Aos 30 anos ela se apaixona por um negro americano, esquizofrênico, estudante de Medicina que tem 40 anos e que mora num hospital psiquiátrico. Convenceu-se de que ele era o amor de sua vida, e como tomava remédios, parecia funcional. Ela o ajuda a fugir da clínica, pega um táxi com ele e seus dois filhos pra iniciar uma viagem para Munique, onde Bill afirma ter dinheiro guardado. Ela se convence que terá um destino extraordinário. Como sua mãe tinha a denunciado para o conselho tutelar, alegando que não podia cuidar dos seus filhos, ela encontra nessa viagem uma saída providencial para que não tivesse a perda da guarda das crianças. Dá-se início ao que ela conta em seu primeiro romance, *Le noir est une couleur*, publicado em 1974. É um relato autobiográfico sobre sua vida na Alemanha na década de 1960, a sua entrada na prostituição. Descreve esse amante esquizofrênico que sem os seus remédios revela-se um louco, que a estupra, bate nela na frente de seus filhos, e coloca ela na calçada.

É nesse período sombrio que começa a escrever a sua poesia. Em seu livro ela conta que Bill

cada vez mais irritado lhe dirá: “Você deveria ganhar dinheiro com os homens, você foi feita para isso [...] e não deixe de se lavar. Se você trazer uma doença pra casa, eu te mato.” Ela morre de medo dele e obedece. O seu primeiro encontro será um *anilingus* com um homem que ela conhece na rua. “Passei para o outro lado, aquele de onde não voltamos mais”. Ela descreve essa Alemanha pós-nazista que perdera a guerra 10 anos antes com homens terríveis, loucos. Conta como caiu nas mãos de perversos sádicos, como foi chicoteada. Ela tem acesso ao que ela vai nomear como “a perversão dos brancos”, os suíços, os alemães, eles representam para ela o que conheceu de mais doloroso e difícil na prostituição. Há muito compreendia e se identificava com a violência da colonização, a relação com os árabes. Ela nutria total empatia para com os negros, aqueles que vivenciaram a escravidão, como os negros americanos, por culpa dos brancos. Além disso, se sente cigana, sente-se parte de um povo oprimido, e vai decidir que ela só vai amar homens como esses perfis, homens que por consequência também são muito danificados.

No início, eu a inventei como inventei todos que abordava ou ouvia falar. E então ela me inventou por sua vez, eu me tornei uma das criaturas de Grisélidis. Isso é o que podemos chamar de amor. Eu realmente amei seu sorriso infantil, amei seu atrevimento, seu poder, seu mistério. Eu amei seu lado obscuro que se contrapõem ao seu lado ensolarado e radiante (Henning, 2011).

TC: Então foi aí que tudo começou, em Munique, na rua, explorada pelo companheiro, que ainda por cima é esquizofrênico, sem dinheiro, com dois filhos pequenos, ou seja, poderia ser pior?

*Aos 32 anos escapei com o negro louco fugido de uma clínica psiquiátrica
e com os meus dois filhos ilegítimos tirados das garras de uma tutela
Partia ao encontro do rebanho nômade em transumância e
no táxi que nos levou embora,
espremido entre malas e bichos de pelúcia,
Vi o enorme crânio do negro destacar-se
do laranja do pôr do sol como um falo.
Foi o escurecimento prenunciado de toda a minha vida.
O preto,
o negro sagrado agarrou o sol e me mergulhou nas
entranhas da noite para sempre.
(Zahonero, 2016)*

CZ: Sua primeira fase de prostituição vai dos anos 60 aos 69. Ela para ou tenta parar, e depois da revolução das putas ela retorna em 1974, com uma prostituição militante.

TC: Então o que acontece depois que ela deixa o Bill?

CZ: O início foi atroz. Os anos que se seguiram foram divididos entre desespero e momentos que ela descreveu como sublimes. Acaba sendo recolhida por um grupo de ciganos que vivem do lixo de Munique, num fedor pavoroso, que nada tinham para si, e como não tinham nada lhe dão tudo, até um trailer com o teto furado. É assim que ela inventa seu destino de cigana, que nasce sua solidariedade com esse povo nômade que tinha vivido o nazismo, onde havia muito amor, mas onde o abuso existia em permanência. Tinham sido eles próprios vítimas de tanto sofrimento que reproduziam essa violência, que ela acabou integrando, assim como o abuso, como intrínseco ao ser humano. Ela deixou Bill no mesmo ano em que conquistou independência financeira e encontrou um lugar em um bordel de Munique, um refúgio para ex-soldados afro-americanos. “La Grande Maison Rouge”, onde há uma solidariedade, uma ajuda mútua e melhores condições de trabalho, o fato de estarem em grupo faz com que possam zelar umas pelas outras. Coloca os filhos numa instituição protestante. Organiza melhor sua vida. Então conhece Ronald Rodwel, também soldado negro americano. Eles se apaixonam perdidamente. Grisélidis floresce sexualmente e descobre práticas desconhecidas. Cunilíngua, por exemplo. Ela tinha 34 anos, ele tinha vinte. Fora Rodwel, todas as suas histórias de amor foram destrutivas. Ela precisou passar pela autodestruição para se encontrar, passar pela sexualidade de todos aqueles homens para ter acesso à sua.

— *Um pequeno orgasmo, sim, aqui e ali, não dá pra recusar... é bom para os nervos, especialmente se você não tem um amante, como eu... Quando por milagre, por acaso ou inadvertidamente, acontece que eu roubo um do nada... então, é mais uma grande vida do que uma pequena morte! Um orgasmo nunca matou ninguém, mas a falta de orgasmo mata! Sim, um grande som de um gongo vivo, um foguete, um estrondo, uma explosão que te deixa acalmado, e nem um pouco morto, apenas exausto, por um momento, e pelo contrário cheio de energia! Pronto para saltar, dançar e rir, os nervos suaves como um gato, o corpo como fruta madura e a pele que canta.*

Um orgasmo bem alcançado é um relaxamento físico maravilhoso, uma realização dos sentidos, é o sol do corpo.

Só o orgasmo talvez possa aproximar-se do autêntico.

Mas trata-se de uma experiência solitária.

Terceirizado apesar nas aparências.

Ninguém sente o que o Outro sentiu.

Podemos comunicar depois.

Durante é impossível...

Antes o tempo escapa...

(Zahonero, 2016)

Consumidor de haxixe, ele a convence de que seria muito melhor pra ela abandonar a prostituição e vender haxixe. Elabora um plano totalmente amador de ida para o Marrocos para trazer a mercadoria. Acabam presos, com o destino interrompido. Será seu grande amor. Na prisão, ela escreve sua vida em forma de poemas e cartas, ela pinta, desenha. Seu desespero se torna o alimento para sua arte. Ao término de sua pena é expulsa e interdita de retornar a Alemanha, a mandam de volta para a Suíça onde os seus antecedentes criminais não vão lhe permitir trabalhar. Vai ser estigmatizada a partir desse momento, vai ser colocada numa encruzilhada. Nem pra fazer pacotes de presente numa loja de centro comercial ela é aceita.

Ah, como a música dói quando você ama!

Somos arados, arranhados, queimados de forma irreparável.

Só a felicidade dói.

(Zahonero, 2016)

Ela vai virar prostituta na clandestinidade, prostituta na pobreza, quando desce pra rua à noite e que caminha procurando um cliente, se esconde, envergonhada, querendo o tempo todo escrever a sua história. Esse período vai durar alguns anos e em 1969 ela consegue escrever o seu livro *Le Noir est Une Couleur*. Para com a prostituição na esperança real de que seu livro funcione e que ela possa viver de sua arte, e segue para Paris. Tinha a esperança de rever Rodwel, que tinha sido igualmente expulso e que morava nos Estados Unidos. O livro sai e é um fracasso, não é bem recebido. É um romance mal construído, segundo Nancy Huston, que o acha um pouco solto, mas também há ali o espírito de Grisélidis, alguém que não é ordeiro. Seu editor queria que ela retrabalhasse na escrita, entram em conflito. Ela não era capaz de escrever de outra forma, se fosse teria escrito outros romances. Ela só era capaz de escrever esse magma de sentimentos, de suas experiências. Só que esse magma já é um instrumento muito potente, uma escrita, um estilo, muito potentes.

TC: Não teve sucesso como escritora num primeiro momento, mas deixou uma obra. Podemos falar disso depois.

CZ: Onde ela teve sucesso em sua vida foi na prostituição. Tendo transformado sua autodestruição em arte, ciência e humanismo. Isso que me tocou de forma extremamente forte. Uma amiga dela, Sonia Verstappen, que tive a oportunidade de encontrar, me explicou o seu conceito de arte, ciência e humanismo. Uma arte? “Porque somos grandes atrizes, é uma arte fazer estes homens felizes, entrar no seu mundo. Uma boa prostituta é realmente uma grande artista.” Um humanismo e uma ciência? “Porque você tem que conhecer o corpo, saber o que pode ou não fazer, sem machucar, entender a pessoa que tem na sua frente, ter confiança em si mesma, se conhecer, não sair um dia do trabalho com vergonha de ter excedido aos seus limites.” Grisélidis, com sua paciência, seu conhecimento do corpo, se tornou uma espécie de terapeuta.

TC: Com o fracasso de seu livro ela volta para a prostituição?

CZ: O estigma da prostituta alimentou a sua raiva contra a sociedade que não tinha permitido que ela corrigisse os seus hábitos e pudesse se reconectar com a vida social. Tinha raiva também dos homens que se recusaram a amá-la porque ela tinha sido penetrada por outros. Essa raiva, esse sentimento de injustiça (porque você tem o destino que tem) alimentou uma revolta. Em Paris, no fundo do buraco, graças a uma vizinha ela escapa da sua enésima tentativa de suicídio. Essa vizinha tinha ouvido falar da revolta das prostitutas que estava acontecendo na igreja de São Bernardo em junho de 1975. Ela morava na Rue du Cherche Midi, “é do lado, vai lá ver”. Ela relata: “Entrei e nunca mais saí.” A revolução de todas essas mulheres encontra um eco em sua revolta pessoal, que sozinha e isolada, sem saber como gerir, só lhe causava destruição. Não estou te contando nem 10% do que viveu, as histórias de profunda violência destrutiva.

A partir desse momento ela entra na luta. Uma luta que não encontrou solidariedade feminina, já que as feministas da época, em um movimento antagônico, queriam escapar ao rótulo da mulher objeto, queriam igualdade entre os sexos, e as putas queriam condenar o preconceito, e reivindicar o direito de ser objeto sexual. O movimento libertário apoiou o movimento das putas. Mas isso seria outro assunto. Foram as correntes progressistas, sim, que defendiam que uma prostituta é uma mulher como outra, então por que não teriam os mesmos direitos? Ela vai ser convidada em emissões de televisão e será a única a mostrar o seu rosto. E nos anos 1990, para acabar com a hipocrisia, ela resolve provocar um padre, a personalidade mais respeitada nas pesquisas na França, o Abbé Pierre. Sabe-se hoje que ele de fofo tinha pouco e que se aproveitou de sua posição para explorar mulheres que estavam na precariedade.

Em 2005, o Abbé Pierre publicou uma obra com o sociólogo Frédéric Lenoir, *Mon Dieu...pourquoi?* na qual confessa ter tido relacionamentos ocasionais, sem fazer referência a prostitutas ou a Grisélidis. Ele escreve que dedicar a vida a Deus “não tira nada da força do desejo e aconteceu-me ceder temporariamente a ele. Mas nunca tive um caso regular porque não deixei o desejo sexual criar raízes. [...] tive então a experiência do desejo sexual e sua raríssima satisfação.” Muito cedo, Grisélidis dizia: “o humano nada mais é do que isso: o pior e o melhor”. Está no homem essa possibilidade. Um bombeiro heroico, excelente pai de família, o professor paciente e gentil, todas essas pessoas podem desenvolver uma perversão, por terem uma falha, e durante sua vida ela quis entender de onde essa falha vinha. A prostituta tem acesso a este lugar obscuro. Com uma prostituta eles podem pedir para praticar seus fantasmas.

Tenho uma amiga prostituta que tinha um cliente pedófilo e que pedia para ela se fantasiar de menininha. Para ela era um reconforto saber que era pedófilo, mas não pedô-criminoso, que estava resolvendo a coisa ali com ela. Para a Grisélidis, a prostituta circunscreve esta zona obscura e protege a sociedade. Melina, uma amiga prostituta relata que as mães árabes têm por hábito levar os filhos para que eles satisfaçam suas pulsões e não estuprem uma menina muito menos aquela que lhes é prometida e que deve casar virgem. É um verdadeiro debate de sociedade, o lugar que damos à sexualidade na vida, a liberdade sexual que temos.

A maneira com a qual tratamos a prostituição e a prostituta conta muito sobre a sociedade em que vivemos. Ela recebia clientes que ninguém queria. Li várias páginas dedicadas a esse seu trabalho, com os homens que vieram do Magreb, por exemplo, e que ficaram aqui anos sem as suas esposas. Ela dizia: “Se eu não fizer isso, para onde eles irão, quem irá tocá-los?” Grisélidis, que nunca faz julgamentos morais, se interessa pelo ciclo de violência. O menino de nove anos doente numa cama de hospital estuprado por um enfermeiro deu nesse caso absurdo há pouco aqui na França, o desse homem que drogava a mulher para que outros a violentassem dormindo, durante anos. O caso dos estupros de Mazan. Esse ciclo, essa reprodução de traumas antigos, o recalque. O posicionamento moral que dita o que é bom ou que é ruim é a fabricação da religião. Ela teve clientes que eram excelentes pais de família, profissionais responsáveis e exitosos.

A maioria dos “clientes” que conheço são do tipo completamente NORMAL.

Eles podem pagar cem ou até duzentos francos então eles não são pobres, muitas vezes são intelectuais, engenheiros, professores, cirurgiões, advogados, empresários, comerciantes.

TODOS eles têm uma esposa que amam, com quem se preocupam, dois ou três filhos a quem amam e de quem querem continuar a ser pai a todo custo, por quem se sentem absolutamente responsáveis

ENTÃO?

Conheci também jornalistas, atores, portanto homens cultos...

ENTÃO, hein?

O que você me diz?

-- Fui na casa de alguns desses homens, eles moram em casas ou apartamentos muito parecidos com o seu...

com lindos objetos, livros, tapetes, muitas vezes móveis muito bonitos, quartos infantis com pôsteres, brinquedos, onde tudo é pensado com amor e ternura para que essas crianças sejam livres e felizes e desenvolvam sua criatividade.

Pois bem, quando a esposa está de férias com os filhos, esses homens, completamente charmosos, cultos e responsáveis tanto em casa quanto no trabalho, saem à noite de carro ou a pé, NÃO SOMENTE movidos por um sentimento de solidão ou da necessidade de se tranquilizarem sobre o estado de funcionamento dos seus órgãos sexuais, não apenas pelo cansaço conjugal e para quebrar uma certa monotonia – bem, eles vão procurar uma prostituta, uma mulher pública, que atende a todos, que talvez carregue consigo micróbios, eles a trazem para casa, nos lençóis da esposa, no banheiro da esposa,

*transam com ela ali mesmo, na sacrossanta família e no covil conjugal.
Bem, estou convencida de que eles sentem uma certa revanche.
O que é a Puta?
O Sujo, o Proibido, o Risco, a Devassidão, o chamado Vício...
é finalmente, tudo aquilo de que são privados, tudo o que sempre lhes proibimos
e escondemos desde a mais tenra infância...
Somos ao mesmo tempo sua mãe incestuosa, sua esposa-prostituta,
conosco tudo lhes é permitido,
ouvir sacanagem que eles não ousam pedir à esposa eles podem
viver conosco todos os toques proibidos ...
Estamos aqui para isso, maquiadas, perfumadas,
visíveis até nos nossos pequenos recantos.
O que você diz sobre isso?
-Há dois lados para tudo.
Assim nós também somos duplas, triplas e até quádruplas...
E cada uma de nossas faces têm dois rostos, atrás dos quais elas se
abrigam, porque a única face verdadeira, a interior,
indescritível, a que se esquia, essa é desconhecida.
(Zahonero, 2016)*

TC: Então ela vai passar os últimos anos em Paris engajada no movimento?

CZ: Não, nessa época ela retorna à Suíça e é obrigada a escrever uma carta para a polícia, esse era o procedimento para se regularizar, no país protestante. Na carta diz: “Senhores decido me re-prostituir porque estou de saco cheio! Quero dizer em alto e bom som que sou uma puta e que por isso me inscrevo”. Dessa vez ela assume o seu trabalho e se encanta. Ela se torna a musa das prostitutas, tem 50 anos e mostrava a cara em uma época em que as prostitutas cobriam os rostos para testemunhar. Ela se tornou porta voz dessas mulheres, assume a condição de mulher, mãe e “cortesã”, como ela preferia dizer. Defendendo o direito de acesso à sexualidade para todos, ela se coloca como um baluarte contra a pobreza sexual. Ela queria provar como é possível reparar uma pessoa reparando sua sexualidade. Mostrar que uma sexualidade massacrada produz dor, que os casamentos acabam. Esteve muito conectada com os males causados pela religião, pela educação, aquilo que anula o indivíduo.

*-Ah! Se os nossos moralistas, sejam eles padres, ministros e
secretários dos direitos humanos soubessem...
o que é a prostituição!
Não acham que eles deveriam limpar o seu Código Penal de todas
essas leis vis e pavimentar as calçadas por onde andamos
com tapetes de pétalas de flores e veludo?
Não acham que eles deveriam nos pedir perdão de joelhos*

pela sua dureza, pela sua desumanidade?

O mundo é estúpido, não há nada a fazer.

(Zahonero, 2016)

TC: Virou política, deu um sentido enorme a sua vida.

CZ: Sim, isso a salvou, ela se diz revolucionária e acabou tendo um reconhecimento internacional, o que é pra mim muito comovente. Ela não conseguiria apagar essa mancha, um homem jamais a amaria pelo que era, fez disso uma força e uma luta. Transformou o conceito mesmo de prostituição, deu a ele uma dignidade e isso é incrível! Hoje graças a todos os trabalhos, o meu, o de Nancy Huston, redescobrimos Grisélidis através de um livro com toda a sua poesia. O lugar que ela gostaria de ter sido reconhecida no passado. Passou ao lado do seu verdadeiro destino por conta da uma relação da sociedade com ela. A mesma mulher em outra época teria sido protegida. Pra começar não teria tido quatro filhos, poderia ser mãe solteira, é uma época e um destino. Não escolhemos a época em que vivemos e isso produz coisas em nós.

Incrível observar como nessa época, terrível para a mulher, como ela conseguiu inventar um destino de rebelde que se tornou importantíssimo para impulsionar o avanço das mentalidades. Ela era frígida e foi pelo meio da autodestruição, de uma sexualidade destrutiva que teve acesso à sua própria sexualidade. Entretanto não fez da sexualidade feminina um assunto. Teve tanta raiva das mulheres próximas, como sua mãe, as mulheres dos clientes, burguesas que tinham uma vida a qual ela não teve acesso, a virtude, o reconhecimento da sociedade, o direito de estar com seus filhos, diria que isso a tornou até mesmo misógina. “Estou no ralo e farei disso um sol um mar um oceano.” Uma vez conhecida e reconhecida – ela até foi à sede das Nações Unidas no 1º de outubro de 1980, chegou com pilhas de arquivos para apresentar às “irmãs da revolução”. Um relatório impressionante, inexaurível, que ela tinha pesquisado, sobre a prostituição e que resultou nos arquivos do Fonds Grisélidis Réal. Esse lugar disponível a todos em Genebra guarda tudo o que se disse no mundo sobre o assunto.

TC: Como estão as leis por aqui? Avançaram de fato? Você que tem muitas amigas prostitutas.

CZ: Na França houve a lei de Sarkozy em 2002 que foi terrível, penalizava as prostitutas. Bastava ser uma mulher sozinha na rua de minissaia para ser levada pra delegacia. Atualmente a lei é abolicionista, na maioria dos países europeus o que se defende é que a prostituta é uma vítima. Por natureza não podemos fazer do corpo uma mercadoria, um puritanismo que também encontra eco nos EUA, uma postura muito católica, judaico-cristã. Sempre volto ao ponto, qual o problema? Limpar a privada ou limpar bunda de velho também não é divertido. Te respondem que as prostitutas são vítimas de redes mafiosas, e isso é escravidão. O trabalho análogo ao de escravo está por toda parte, nas roupas que compramos na loja internacional de roupas (não vou citar o nome) que são fabricadas por crianças da minoria étnica ouïghoure da China, para o qual fechamos os olhos, e tantos outros produtos que

consumimos. Mas como essas empresas não são ilegais a máfia não existe tanto, embora haja. Enquanto no sexo e a droga, por serem proibidos... Devemos legalizar para dar direito e dignidade às profissionais do sexo. É responsabilidade de toda a sociedade ajudar uma mulher que está desamparada, com quatro filhos para criar e que deseja viver com dignidade, para que não seja jogada na prostituição. Aqui existem mulheres chinesas que trabalham e mandam dinheiro para China, africanas, essas estão na rede de prostituição por serem estrangeiras ilegais, não podem se beneficiar de nenhuma ajuda. Sofrem muito. Essa não é A prostituição, é uma forma de prostituição que devemos combater e que é de fato uma escravidão.

Hoje, passamos a falar comumente de relações sexuais em termos estritamente legais. Grisélidis falou de forma diferente, com folia. Ela teve dias inteiros, noites inteiras de sexo. Sexo pago. Era assim que ela chamava seu pequeno bordel popular. Ela fez isso com todo o profissionalismo e até com a honestidade ardilosa dos suíços. Tudo isso é feito com transparência protestante. Mas Grisélidis precisava de algo mais. Ela era um animal apaixonado. E ela geralmente só levava amantes impossíveis, poetas, presidiários, um cara que fugiu de um hospital psiquiátrico (Bill), um travesti de Zurique (Lili), bichas, metecos, réprobos, pessoas que não devemos amar porque isso é uma catástrofe. Grisélidis tinha o amor catastrófico e os seus amores deram origem a rugidos (Henning, 2011).

TC: Gostaria de entrar no cerne do espetáculo. Num dado momento você se interessa por essa mulher, por seu percurso, inicia um trabalho de pesquisa e decide escrever uma peça de teatro. Mergulha na sua obra, nos seus textos...

CZ: Eu trabalhei a partir de sua obra. Escrevia muito bem, soube colocar no papel a sua experiência. Sua vida era a sua obra. Primeiro pensei em dizer suas palavras, e depois em quem as diria. No início não pensei poder interpretá-la, queria escrever a adaptação teatral e dirigir. Mas como tudo passou por mim, todo o material, li tudo, ouvi tudo, acabei a interiorizando em mim. Passada essa decisão, surgiu uma nova questão, que era como subir em cena e dizer suas palavras na primeira pessoa, com propriedade. Grisélidis nunca perdeu a oportunidade de denunciar as atrizes que interpretavam as prostitutas e se divertiam com isso, interpretando todos os clichês: os palavrões, a maquiagem, a roupa. A estas atrizes ela perguntava: “se lhes apresentassem um pau bem fedorento veríamos se seriam capazes de colocá-lo na garganta”. Ela dizia essas coisas fortíssimas para chocar, de propósito. Só me restava compreender de maneira íntima essa mulher, operar o encontro entre ela e eu. Era preciso me abrir para que entrasse em mim uma compreensão tão forte que poderia falar por ela. Ela disse um dia que queria subir numa praça pública e poder falar. “Sim, mas como você está morta não poderá mais fazê-lo, então farei por você”, eu pensei. Fui realmente guiada por ela e para compreendê-la de fato fui ao encontro de seus filhos, na Suíça, dormi na casa da Leonor, criei uma amizade com ela, e ela me contou coisas muito íntimas sobre sua mãe e si mesma. Era uma mulher muito machucada e, como disse, morreu do mesmo câncer que a mãe.

Consegui antes de falecer ver três vezes o espetáculo, que ela adorava. Graça a mim Leonor e Igor, rompidos desde algum tempo, fizeram as pazes. Resolvi colocar na peça tudo o que ressonava em mim, que ecoava, o que queria dizer, com relação à sociedade na qual eu vivia, o que era preciso ser ouvido. E além disso havia essa coisa íntima, mais misteriosa, que descobri sobre minha própria resiliência frente ao abuso. Grisélidis transformou seus ferimentos em arte. Talvez inconscientemente fosse o que desejasse para mim e trabalhei no sentido de escrever um monólogo. Aos poucos fui sentindo a necessidade de fazer da minha Grisélidis uma Grisélidis de teatro, uma rainha egípcia, aquela que ela teria orgulho de ser. Minha maquiadora trabalhou para dar luz a este encontro entre o que sou eu e o que era Grisélidis, com a idade que tinha à época.

Compreendi que havia na sua articulação algo particular, que não omitia nenhuma palavra, um jeito de falar que resolvi buscar. Houve uma metamorfose sem que eu a buscasse. A estreia foi na Suíça, o iluminador do teatro era Aurélien, o filho mais novo de Grisélidis, foi uma coincidência, choramos os dois. Igor me emprestou as pulseiras de serpente de sua mãe, Leonor os brincos, havia algo xamânico, fui atraída para seu universo, para dizer essas palavras, mas eu tinha o carimbo “1680”, sou da Comédie Française e a mim vão escutar, o seu ralo vou colocá-lo em cena. Esse era o meu motor.

Quando entrei em cena tive o sentimento de ser carregada (por ela?) e todos, os filhos, os amigos, me disseram, nós a vimos! Leonor chorando disse: “é a minha mãe, todo mundo se serviu dela para fazer escândalos, mas é um ser poético”. Quando todos tinham saído da sala (meu camarim era em cena), a diretora do teatro veio me perguntar se eu poderia encontrar uma mulher colombiana que trabalhava com eles e que queria falar comigo. Aceitei, claro, e vi adentrar uma mulher completamente deformada com a cara muito refeita e cheia de botox. Ela chorava muito (Coralie se emociona ao lembrar). Ela me disse: “Sabe você me curou, você colocou beleza em minha vida”. Soube depois que ela havia sido prostituta na selva aos 15 anos, era uma sobrevivente, como muitas que conseguem escapar, que foram tão destruídas, que não têm nem mais aparência de um ser humano. Quando ouviu as palavras de Grisélidis transformada em poesia senti também uma forma de resiliência. Essa experiência foi minha, como artista posso dizer que esse espetáculo teve essa força, esse potencial. Isso não parou, vinham a mim, algumas pessoas, até conhecidos, nem tão próximos, como se eu fosse psicóloga e contavam pra mim suas experiências de infância.

Eu liberei uma palavra, e como era isso que eu dizia no palco, significava para eles que eu era capaz de ouvi-los. Podemos fazer o paralelo entre a atriz e a prostituta. Nos preparamos para interpretar alguém que em cena pode ser tocado, beijado. A atriz se exhibe, aliás a origem da palavra prostituta significa “colocar diante, à frente, expor aos olhos”, colocar em praça pública, mostrar. O teatro igualmente acontece em praça pública, e há pessoas que pagam para nos ver. E você ali fará algo que mesmo sendo você no fundo é também uma outra pessoa. Quando você fala com prostitutas que trabalham elas podem pensar se a torta ficou boa, se as crianças estão bem e já foram dormir enquanto um homem a penetra. Minha amiga Melina tem uma tabela de preço, e tudo é calculado. Faz todo o necessário para que o tempo não seja

ultrapassado, e respeita o horário contratado. As pessoas que não conhecem a prostituição projetam bastante, projetam a sua própria visão.

*Estou me dando mais dez anos para me retirar no campo em uma casinha,
exposta ao sol, com grama, árvores, legumes, flores, gatos,
talvez um ou dois cães, todos os meus livros, meus discos e a liberdade.
Lá todos os meus amigos poderão vir de férias, faremos fogueiras
e bailes no jardim, a luz de lampiões, vou encontrar um músico cigano
ou berbere para a minha velhice.
Só de pensar nisso me faz explodir de felicidade e me dá toda coragem.*

*“Você tem o peritônio, a parte interna da pele da barriga, coberto de câncer.»...
Fiquei muda.
Quase senti lágrimas brotando em meus olhos, mas somente quase .
Tudo é portanto inevitável: a vida, a doença, a morte, as festas, o teatro.*

*Nós continuamente escapamos ao pior, sabe, para agarrar-se a uma corda bamba
esticada sobre o sol e o abismo, tudo passa pela gente, né, nos desliga, nos religa,
nada é nunca definitivo.
Este mundo incompreensível que me rodeia assumiu todas as suas dimensão aqui.*

*Quero virar negra, vestida de noite.
Andei tanto na sua sombra que serei como ele,
aveludado e quase invisível.
Este violino é como meu sangue, meus nervos,
ele vive no meu cérebro,
uma parte de mim se transforma em violino e canta*

*Vou dar um passeio à beira-mar,
dormindo fora e comendo olivas,*

*e alcançarei os homens simples,
os pescadores, os ciganos.
E se há algum que queira me amar,
eu casarei com ele
e levarei todos os meus filhos para morar lá
na pobreza e na beleza,
longe da Justiça,
da mesquinharia,
do egoísmo.
Seremos muito simples
e voltaremos à Pureza das coisas e do mar.*

*Sermos nômades,
pés descalços na areia,
vestido de vento, de poeira e música.
Faíscas de amor dia e noite como joias barrocas
Ser felizes como loucos por EXISTIR!
Esta é a vida real,
o resto é vazio...*

*Espero que vocês sejam finalmente vocês mesmo, não se importando
com o resto.*

Como eu.

Fiquem bem,

*sejam ferozes, generosos, impiedosos, inoxidáveis,
dancem no vulcão!!...*

(Zahonero, 2016)



Imagem 2 - Foto de cena da atriz Coraly Zahonero no espetáculo *Grisélidis Réal* encenado no Studio Théâtre de la Comédie Française em abril/maio de 2016. Fonte: Comédie Française, 2016.



Imagem 3 - Grisélidis Réal - Coleção particular. DR - Archives
Littéraires Suisses. Fonte: ROCHE, Roger Yves, 2022.



Imagem 4 - Grisélidis Réal. Fonte: Vericales/Revista Sud Ouest, 2022.

Financiamento: Não houve financiamento para a realização desta pesquisa.

Referências

HENNING, Jean-Luc. **Grisélidis Réal Forever**. La Semaine de Jean-Luc Henning. Entrevista concedida ao jornal Libération. Paris, 15 de outubro 2011.

ZAHONERO, Coraly. **Grisélidis Réal** (peça de teatro). Tradução inédita de Tânia da Costa. Paris: Comedie Française, 2016.

Submetido em: 19 nov. 2024.
Aprovado em: 24 jan. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Encontro de mulheres: a prostituta e a atriz”, de autoria de Tânia da Costa, está licenciado sob CC BY 4.0.

